UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
INSTITUTO DE ARTES / DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ANDREIA CARINA SANTOS GUSMÃO

A ISOGRAVURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

BARRETOS/SP
2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
INSTITUTO DE ARTES / DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ANDREIA CARINA SANTOS GUSMÃO

A ISOGRAVURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.
Orientadora: Prof.ª Tatiana Duarte Menezes

Barretos-SP

2018

ANDREIA CARINA SANTOS GUSMÃO

A ISOGRAVURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Aprovado em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Tatiana Duarte Menezes (VIS/UAB/UnB)

(Presidente)

Maria del Rosario Tatiana Fernandez Mendez

Prof.

Thérèse Hofmann Gatti

Prof.

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso,
primeiramente, a Deus por ter reunido forças para
que eu conseguisse concluí-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, a quem, nos momentos mais difíceis, entre choros, tristezas e alegrias, agarrei-me no seu poder e na sua proteção divina. Agradeço a Deus pela vitória de concluir este curso de Licenciatura em Artes Visuais.

À minha mãe *(in memória*), que torcia para eu me formar, a todos os meus familiares, que compreenderam os momentos em que não pudemos estar juntos e reunidos. E, principalmente, a minha filha, que sempre me apoiou e me deu forças para continuar até o final. Amo vocês eternamente.

À minha orientadora, professora Tatiana Duarte Menezes que, desde o começo, incentivou-me e estimulou-me a escrever sobre o assunto, orientando alguns artigos; aprendi muito com ela dentro do curso de Artes Visuais, inclusive no trabalho em que aprendemos sobre a técnica da gravura. Agradeço à professora Tatiana, que é um exemplo de professora de arte, na qual pretendo me espelhar.

Agradeço a professora Tatiana Fernandez Mendez, que apoiou nessa pesquisa, sempre motivando meu aprendizado e sendo um professora excelente.

Agradeço ao professor Sharam, que apoiou nessa pesquisa, sempre motivando meu aprendizado e sendo um professor excelente.

Agradeço a todos **os meus professores presentes nesta vitória e aos que não se encontram mais conosco.**

Hoje, considero estes professores grandes amigos e grandes referências para minha vida.

Glória DEUS! Amo-te meu DEUS!

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo verificar como a isogravura pode ser utilizada como recurso pedagógico na disciplina de Artes Visuais. Essa investigação apresenta também as experiências vividas na disciplina de artes visuais e dos alunos da Escola Estadual Professora Maria Scannavino, com as turmas da 1ª série do Ensino Médio, alunos na faixa etária dos 14 anos, oportunizando a eles o ensino da teoria e da prática de técnica em gravuras, como a isogravura, podendo assim aprimorar o aprendizado dos alunos nas aulas de artes visuais. Entretanto, permitindo o trabalho individual e em grupo, desenvolvendo as ações do processo de criação através de suas capacidades inovadoras, podendo, através de suas habilidades, aprimorarem a produção artística, fazendo riscos, cores vivas e utilizando materiais diversos para o aperfeiçoamento em relação ao ambiente estudado, sendo que os materiais utilizados pelos estudantes nas técnicas da isogravura foram o isopor, sendo encontrado facilmente por ser um objeto de baixo custo, assim todos os alunos tiveram a oportunidade de realizar estas atividades. Os alunos, nesta prática pedagógica, realizaram a impressão de isogravura, os materiais utilizados: isopor, tinta gráfica ou guache, papel A4, rolo, lápis, entre outros.

Palavras-chave: Artes. Aprendizagem. Gravura. Isogravura. Técnicas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - *Mudança de Sertanejo*, Xilogravura – J. Borges 18

Figura 2 - *Dois Homens*, Xilogravura – Oswald Goeldi 18

Figura 3 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (1) 20

Figura 4 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (2) 20

Figura 5 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (3) 22

Figura 6 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (4) 22

Figura 7 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (5) 23

Figura 8 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (6) 23

LISTA DE SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC-Base Nacional Comum Curricular

UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8

CAPÍTULO I – A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA 10

CAPÍTULO II – OS ASPECTOS HISTÓRICOS DA XILOGRAVURA 12

2.1 Isogravura 14

2.2 A isogravura em sala de aula 15

CONSIDERAÇÕES FINAIS 24

REFERÊNCIAS 27

APÊNDICES/ANEXOS 29

APÊNDICE A - CRONOGRAMA DO CURSO 29

APÊNDICE B - PLANO DE APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA 30

APÊNDICE C - PLANO DE APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA 31

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO 32

INTRODUÇÃO

A arte é uma área do conhecimento que apresenta conteúdo específico a ser ensinado aos alunos, através de métodos e experiências, possibilitando-lhes desenvolver a reflexão crítica, sensibilidade e imaginação. Além disso, conforme prevê a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, em relação ao ensino da arte, é obrigatório no currículo escolar propostas para a formação artística e cultural do aluno.

> A Arte contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre racionalidade ,sensibilidade, intuição e ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito relacionado a si, ao outro e ao mundo. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam no âmbito da sensibilidade e se interconectam, em uma perspectiva poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas (BNCC,2017,p.474).

Com base nisso, o presente trabalho tem origem na minha experiência como aluna do Curso de Artes Visuais, na Universidade de Brasília, no ano 2017, quando cursei a disciplina Ateliê Artes Visuais 3 (Gravura) - AAV3, primeiro semestre de 2017.

Naquele período, surgiu meu interesse pelo estudo sobre gravura, chamando-me a atenção os desenhos que têm riscos, como linhas grossas, linhas finas, sobreposições e coloridos, sensibilizando-me para o desenvolvimento de uma linguagem visual. Com isso, motivei-me a buscar novos conhecimentos e investigar o assunto abordado.

Apresento neste trabalho, que teve por objetivo verificar como a isogravura pode ser utilizada como recurso pedagógico na disciplina de Artes Visuais, o resultado da experiência que os alunos do 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual E. E. Prof.ª Maria Helena Scannavino, de Barretos, tiveram ao trabalharem com a isogravura no seu

processo de aprendizagem. Para desenvolver a investigação, a seguinte questão norteou minha pesquisa: “Como a isogravura pode ser utilizada como recurso pedagógico?”, partindo-se do pressuposto de que as aulas de gravura na escola são possibilidades para o aprendizado, uma vez que motivam e exercitam o potencial do aluno, proporcionado o ato criativo no contexto da sala de aula.

A isogravura é uma técnica de gravura que foi adaptada a partir da técnica de xilogravura e o material utilizado tem como suporte o isopor ao invés de madeira, sendo que é reproduzida a partir da impressão.

Para desenvolver a pesquisa, tive como referência teórica as abordagens de Kátia Canton (2011), Marcele Figueira (1976), Walter Benjamin (1995) e Antônio Costella (2003). Os trabalhos de artistas também foram uma contribuição importante, destacando-se Osvaldo Goeldi (1895-1961) e José Francisco Borges (1935).

O texto deste trabalho desenvolve-se da seguinte forma: após a Introdução, trago uma breve análise sobre a reprodutibilidade técnica, seguida da apresentação de alguns aspectos históricos da xilogravura. Na sequência, trago informações sobre a isogravura e relato a experiência com a técnica da isogravura na sala de aula durante a prática com os alunos participantes desta pesquisa. Concluo com as considerações finais, apresentando uma reflexão sobre o trabalho realizado.

CAPÍTULO I – A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA

Para melhor compreensão sobre o conceito da reprodução de uma obra de arte e melhor entendimento sobre a utilização da isogravura como recurso pedagógico na sala de aula, é importante a contribuição de Walter Benjamin (1955). O autor discutiu a reprodução das obras de arte e seu impacto na própria concepção de arte. No caso desta pesquisa, o conceito de reprodutibilidade técnica tem relação com a técnica da xilogravura - e da isogravura -, uma vez que, com esta técnica, o aluno se vê como protagonista de uma obra que traz em seu cerne o conceito do múltiplo. Conforme o entendimento de Benjamim, a obra de arte sempre foi reproduzida pela humanidade, citando exemplos de mestres, discípulos, entre outros. Mas, com o surgimento da reprodutibilidade técnica, a obra se tornou mais acessível, o que permitiu a aproximação do espectador.

> Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. Em contraste, a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que se vem desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente. Com a xilogravura, o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reprodutível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita. Conhecemos as gigantescas transformações provocadas pela imprensa - a reprodução técnica da escrita. Mas a imprensa representa apenas um caso especial, embora de importância decisiva, de um processo histórico mais amplo. À xilogravura, na Idade Média, seguem-se à estampa em chapa de cobre e a água-forte, assim como a litografia, no inicio do século XIX. (BENJAMIM,1995, p. 163).

Benjamim procurou compreender as mudanças que se deram na produção artística, a partir da reprodutibilidade técnica. Também comenta em seu texto sobre a gravura, continuando até o período entre guerras. Com o advento da fotografia e do cinema, a questão da reprodutibilidade técnica se intensifica e, nesse período, já é perceptível as mudanças causadas pela revolução industrial.

Conforme Benjamim afirma, estas transformações aconteceram por consequência de uma série de modificações socioeconômicas, políticas e culturais que surgiram na Europa, neste período. A produção capitalista avançou em suas transformações tecnológicas, trazendo, assim, novos meios de comunicação.

Importante destacar, que autor traz, ainda, o conceito de “aura”, que compreende as noções de autenticidade, a originalidade e unicidade da obra de arte:

> [...] O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos, dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite a reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. (BENJAMIM, 1955, p. 164).

No entendimento de Benjamim (1955), esse conceito tem relação com o princípio do "aqui e agora", ou seja, a presença física e o local de origem que garantem a unicidade da obra. Também está diretamente ligado a uma ideia teológica de aura, dando à obra de arte um caráter de objeto a ser cultuado. Com a reprodutibilidade técnica e a autenticidade deixando de ocupar papel preponderante, o caráter social da arte migra do ritual para o político.

Impossível dissociar a questão da reprodutibilidade técnica, da autenticidade e do múltiplo, da linguagem da gravura. Portanto, as reflexões trazidas por Benjamin (1955) são fundamentais para situar conceitualmente a prática pedagógica, especificamente a da isogravura, dentro do recorte dessa pesquisa.

CAPÍTULO II – OS ASPECTOS HISTÓRICOS DA XILOGRAVURA

A história mostra que, desde o princípio, o homem se expressa artisticamente por meio de diferentes manifestações, tais como a pintura, a literatura, a música, a arquitetura, a escultura, a gravura, entre outras. Com isso, demonstra sua cultura, crenças, costumes e valores. Vale lembrar que a arte se fundamentou no primitivismo (GOMBRICH, 1999, p. 42), quando as primeiras gravações eram feitas nas rochas, utilizando-se de instrumentos cortantes como pedras e ossos de animais. As grandes e constantes mudanças e o aprimoramento das habilidades no campo artístico possibilitou ao homem ferramentas e técnicas mais modernas e variadas, como é o caso da xilografia.

No sentido etimológico, a xilografia é formada por dois termos gregos "xylon", que significa madeira, e "grafó", que significa gravar. Entende-se, assim, que a xilografia é uma madeira gravada com auxílio de ferramentas cortantes, denominadas goivas. Após preparar a matriz e fazer a impressão dá-se o nome de xilogravura. (COSTELLA, 2006, p. 28).

A xilogravura é um processo antigo de gravação em relevo em que é utilizada a madeira como matriz, possibilitando a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado. É considerada a técnica mais antiga da gravura, e foi inventada na China como uma técnica de impressão no tecido. No século IX, a China inventou as primeiras gravuras, sendo que as figuras eram produzidas sobre a madeira e recebiam tinta e depois carimbadas em tecidos ou outras superfícies, criando padronagens para roupas ou decoração. Para produzir um cartaz ou selo, também era comum usar a gravura. As primeiras gravuras chinesas que conhecemos foram feitas no nono ano do reinado de Xian Tong (868), durante a dinastia Tang (CANTON, 2011, p. 27).

Costella (2003) diz que os chineses já faziam xilogravuras há mais de mil e quinhentos anos, e que primeiramente, usavam a xilogravura para confeccionarem cartas de baralho, orações budistas e até imprimir dinheiro. No Japão, a xilogravura era utilizada para "estampar talismãs, no ano de 770".

A partir do século XIV e XV, destacou-se a arte da xilografia impressa em papel, ocorrendo o início da produção artística em grande volume. É possível citar algumas obras

de xilogravura de baralhos, santos, permanecendo firme na Europa até mais ou menos o século XIX, sendo que depois os franceses incluíram as gravuras japonesas.

Em consequência, a xilogravura aprimorou novos caminhos para a produção de agrupar várias folhas de gravuras em caderno, que compunham textos e legendas, sendo as obras publicadas em diversas edições. Embora sem a noção da escrita, o povo não alfabetizado teve a oportunidade de apreciar as imagens, juntamente com os textos escritos, por meio da xilogravura, permitindo ao público a interpretação da imagem. A esse respeito, a contribuição de Costella (2003) é esclarecedora:

> O valor dos livros xilográficos fica bem evidenciado através da 'Bíblia pauperum' (Bíblia dos pobres), na Europa, essa obra teve várias edições em xilogravura no século X1Em suas páginas veem-se no quadro central, uma passagem da história de Jesus e, no entorno, cenas inspiradas pelo Velho Testamento, de tal modo que os ensinamentos religiosos respectivos podem ser acompanhados, graças às imagens, até por um analfabeto. (COSTELLA, 2003 p.18).

O princípio da xilogravura, no Brasil, surgiu nas tribos indígenas pelo emprego de matrizes de madeira. Na época, utilizaram dessa técnica para gravar na pele do corpo humano e produzir diversos artesanatos.

> Segundo antigos relatos de viajantes, foi possível constatar em várias tribos o emprego de matrizes de madeira para imprimir, com tinta, desenhos ritualísticos na pele do corpo humano e, mais raramente, para estampar peças de indumentária. Mais de duzentas tribos indígenas, comprovadamente, utilizaram-se dessa técnica, destacando-se, pela destreza artesanal e pela variedade de modelos, os canelas, os apinajés e os xavantes. (COSTELLA, 2003 p. 50).

No período de meados do século XIX, a xilogravura passou a ser a mais utilizada no Brasil, sempre para ilustração, tanto de livros e folhas, como exclusivo de cartazes e outras gravações. Tanto no Brasil e na Europa, por meio da xilogravura, os artistas passaram a executar tanto o trabalho de criação quanto o procedimento de impressão. A partir do início do século XX, tomaram a xilogravura como forma de expressão artística. Destacam-se dois pioneiros da xilogravura artística brasileira: o pintor Lasar Segall (1891-1957), cuja obra marcante é a série Mangue, e o mestre Oswaldo Goeldi (1895-1961). Goeldi, no período de 1923, na cidade do Rio de Janeiro, passou a utilizar a xilogravura em sua principal demonstração poética, como forma de expressão artística.

Para o procedimento das técnicas da xilogravura, o artista utiliza como material indispensável um pedaço de madeira, onde a imagem será desenhada e entalhada. A imagem é desenhada e entalhada sobre uma placa de madeira, as partes em relevo são cobertas de tinta e friccionando uma folha de papel sobre a matriz resulta a impressão (BUENO, 2008, p. 80). Em seguida, utiliza-se a prensa para exercer a pressão do desenho em um papel ou suporte para imprimir a imagem, conforme explica Costella (2003, s.n):

> As xilogravuras são feitas pela impressão (sobre o papel ou outro suporte) de uma matriz em madeira. Por sua vez sua aparente simplicidade, a xilografia é a mais espontânea das técnicas gráficas. Da simplicidade, porém, ela permite nascer uma formidável riqueza em arte, dotada de encantos sem fim.

Sendo uma das técnicas mais antigas que se conhece para gravação de imagens, produzir gravuras é de extrema simplicidade. Talvez isso explique sua utilização até os dias de hoje, pelo fato de não haver necessidade de qualquer mediação tecnológica na sua produção. A obra é feita pelas mãos do artista, por meio de goivas, instrumento cortante, semelhante ao formão, sendo que o artista terá desafios e responsabilidade para escolher um bom material que seja propício para a gravação das suas matrizes.

2.1 Isogravura

A isogravura é um processo de reprodução semelhante ao da xilogravura, usando o isopor como matriz no lugar da madeira. No lugar da goiva, usa-se caneta ou lápis bem apontado. Há poucas referências bibliográficas sobre a técnica da isogravura, contudo, muito se tem utilizado dessa técnica nas aulas de Artes.

Segundo Figueira (2016), a técnica da isogravura é feita a partir de um desenho desenvolvido na prancha do isopor, utilizando caneta, lápis, ou até mesmo algo pontiagudo que faça um risco fundo no isopor.

> A matriz utilizada na isogravura é um isopor prensado (pratinho de supermercado), a isso vem à denominação desta técnica “iso” de isopor + gravura = isogravura. Para fazer o desenho nesta base pode ser utilizado o lápis, a caneta, ou até mesmo algo pontiagudo que faça um risco fundo no isopor. Após o desenho estar finalizado, pode ser utilizado um rolinho de esponja ou pincel macio para passar uma tinta à base de água. Em seguida, faz-se a impressão no papel ou tecido. No entanto, a cada impressão, é necessário que coloque mais tinta na matriz. Assim como na xilogravura, a assinatura é feita na parte inferior

> da isogravura contendo a tiragem, título da obra, autor e ano (FIGUEIRA, 2016, p. 16).

O material utilizado para gravar a matriz não é cortante, possibilitando a prática com as crianças na sala de aula. Além disso, é acessível, pois, como é feita no isopor, é facilmente encontrado - como em embalagens de alimentos - e de valor econômico razoável. Durante o procedimento, é necessário marcar o desenho até no fundo do isopor e, posteriormente, aplicar a tinta, usando um rolo de entintagem, que pode ser substituído por um rolo de espuma. Na sequência, realiza-se a impressão no tecido ou papel. Para novas impressões, é preciso entintar novamente a matriz, sendo importante colocar mais tinta no isopor para que a impressão seja nítida no papel.

2.2 A isogravura em sala de aula

Considerando a questão central desta investigação: “Como a isogravura pode ser utilizada como recurso pedagógico?”, parte-se do pressuposto de que as aulas de gravura na escola são possibilidades para o aprendizado, uma vez que motivam e exercitam o potencial do aluno, proporcionado o ato criativo no contexto da sala de aula.

Nesse sentido, busquei trazer para sala de aula uma nova abordagem pedagógica para o ensino das Artes Visuais, adotando a isogravura no processo de ensino e aprendizagem, que teve como espaço a Escola Estadual E. E. Prof.ª Maria Helena Scannavino, de Barretos, e como participantes da pesquisa os alunos do 1º ano de Ensino Médio. A experiência totalizou quatro aulas de artes visuais, para 35 alunos, com duas aulas por semana e duração de 50 minutos cada uma.

O professor é a base fundamental nas aulas de Artes Visuais e seu dever é estimular os alunos a refletir, criar, dialogar e ter sua própria criação. Portanto,

> Só a arte pode fazer todas essas coisas. A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social. (FISCHER,1987, p. 57).

Para melhor conhecer a linguagem visual, a proposta inicial foi a realização de diversas observações em livros, revistas, sites, vídeos e slides. Essa proposta teve como objetivo proporcionar aos alunos da Escola Estadual E. E. Prof.ª Maria Helena Scannavino o contato com diferentes materiais para subsidiar o trabalho proposto. Entende-se que:

> Partindo de estudos de aspectos da linguagem visual, ou seja, do conhecimento dos elementos que compõem essa linguagem, e dando oportunidade às crianças e jovens para fazerem suas experiências com materiais e técnicas, o professor estará atuando pedagogicamente em ações que desenvolvem práticas criadoras, a cognição e a sensibilidade (FERRAZ e FUSARI, 2009, p. 178).

Na sequência, ao realizar a técnica da isogravura, primeiro conceituou-se a técnica da xilogravura, depois da isogravura, assim como explicou-se quais são os recursos utilizados na oficina, destacando a importância da realização de debates em grupos, exercícios e trabalhos práticos. É papel do professor desafiar o aluno a refletir sobre seu ato criativo, encorajando-o a desenvolver sua criatividade e criticidade.

> A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, revolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. (FREIRE, 2001, p. 42-43).

Diante disso, é possível afirmar que o ensino de arte é essencial na vida do ser humano: amplia seu saber, sensibiliza, experimenta habilidades, conhecimentos, competências voltadas no ensino da arte. Para Buoro (2001), a Arte tem uma relação de si e do mundo, diz ela:

> A arte, enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo, é parte deste movimento. Enquanto forma privilegiada dos processos de representação

> humana, é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia ao homem contato consigo mesmo e com o universo. Por isso, a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele. O conhecimento do meio é básico para a sobrevivência, e representá-lo faz parte do próprio processo pelo qual o ser humano amplia seu saber (BUORO, 2001, p. 20).

As experiências com os alunos envolveram a teoria e a prática, possibilitando desenvolver os conhecimentos básicos da técnica da isogravura, uma vez que se tratava de uma aprendizagem nova para eles. Assim, por meio da prática com a isogravura, constituíram-se sujeitos da própria aprendizagem.

> [...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se; ainda o autor complementa que assumir-se como ser sociedade histórica como pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nos mesmos não significa a exclusão dos outros. É "a "autoridade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do "meu eu" (FREIRE, 2011, p. 42).

Durante as aulas, foi possível observar o desenvolvimento de cada um através de suas produções artísticas, em que tiveram a liberdade de expressão, podendo cada um realizar sua atividade e manifestar suas emoções e do que mais gostaram. Nesse sentido, conforme está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs - (BRASIL, 2002) para o Ensino Médio, os alunos desenvolveram habilidades e competências, tais como realizar produções artísticas na linguagem das artes visuais; analisar e refletir e compreender os diferentes processos de Arte, com seus diferentes instrumentos de ordem material, compreendendo a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

Nas aulas, os alunos puderam imaginar e trocar suas experiências em grupos, mas a atividade com a técnica da isogravura foi individual. Os alunos usaram várias cores, utilizando tinta guache e algumas tintas gráficas, papel A4, onde fizeram a impressão. Primeiro, recortaram as bordas da prancha de isopor, deixando-a no formato quadrado. Em seguida riscaram o desenho no isopor, e logo aplicaram a tinta para a gravação na referida prancha. Por último, foi feita a impressão.

Conforme o planejamento previsto, a oficina compreendeu quatro aulas, com duração de 50 minutos cada uma delas. Na primeira aula, fizemos uma pesquisa na Internet

sobre as técnicas da xilogravura, seguida de uma discussão acerca do assunto com os alunos participantes, presentes naquele momento.

Na segunda aula, a atividade foi realizada com a apresentação de duas imagens: A primeira imagem de José Francisco Borges (1935) (Fig. 1) e a segunda imagem, de Osvaldo Goeldi (1895-1961) (Fig. 2). José Francisco Borges, reconhecido artista brasileiro, nasceu na cidade de Pernambuco, tornou-se artista ainda em sua infância e teve as suas obras em exposições na Europa, América do Norte e América Central. Osvaldo Goeldi, artista plástico brasileiro, a partir de 1924 dedicou-se à xilogravura. Em sala de aula, sugeri aos alunos a visita ao site do projeto Goeldi, para conhecer mais de suas obras.

Analisamos as imagens, observando os seguintes aspectos: o material usado, a matriz, a dimensão, como foi criada e, por fim, discutimos a respeito das obras.

Figura 1 - *Mudança de Sertanejo*, Xilogravura – J. Borges

Fonte: http://www.gravura.art.br/artistas/j-borges-cordel.html

Figura 2 - *Dois Homens*, Xilogravura – Oswald Goeldi

Fonte: http://oswaldogoeldi.org.br/index.html

Na aula seguinte, solicitei aos alunos que trouxessem bandejas de isopor, para realização da próxima atividade em sala de aula, mas não trouxeram. Então, sugeri que fizéssemos uma revisão da matéria, retomando o que tínhamos estudado em sala de aula.

Com o objetivo de ensinar os alunos, comprei o isopor, as tintas, entre outros materiais. Então, na terceira aula, o objetivo foi ensinar os alunos a técnica da isogravura e, depois, analisar algumas obras nos sites da Internet. Nesse dia, os alunos conheceram a técnica da isogravura e o uso da linguagem da gravura na arte e na comunicação. Depois disso, propus um trabalho em grupo com exercícios sobre xilogravura e isogravura.

Para esta atividade, foi necessário, além de termos o material adequado, observar as orientações.

1) O aluno teve que trazer uma bandeja isopor, 4 folhas de papel sulfite A4, rolo de pintura pequeno, lápis preto, tesoura sem ponta, tinta de gráfica preta ou guache de diversas cores**.**

2) Foi feito um recorte em algumas bandejas trazidas pelos alunos, retirando a borda, para que ficassem em formato retangular ou quadrado.

3) Pedi aos alunos que transferissem o desenho, usando um lápis para marcar o isopor.

4) Solicitei que escolhessem a cor preferida e, com o rolo de pintura, entintassem o isopor, cobrindo todo o desenho.

5) Depois, orientei que colocassem a folha de papel no isopor e fizessem pressão para transferir o desenho.

6) Expliquei para terem cuidado ao tirarem a folha da prancha de isopor, para não sujar o desenho com a tinta.

7) Orientei que fizessem a impressão no papel A4, e que poderiam utilizar uma única cor, fazer todo colorido ou, ainda, a cor preta, no caso, a tinta mais usada pelos alunos.

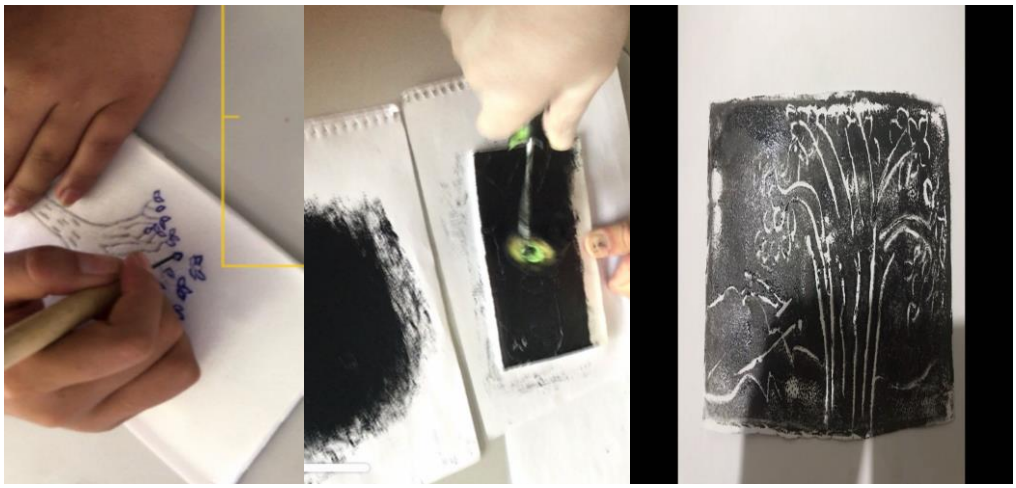
A escolha do desenho partiu dos alunos, os quais tiveram a liberdade de se expressar, realizando uma produção individual. Expliquei sobre isogravura, e qual seria o procedimento para realizar esta atividade. Alguns alunos ficaram indecisos quanto ao desenho a fazer, outros decidiram rápido. Os alunos fizeram o desenho marcando o isopor, com lápis ou caneta, depois passaram a tinta e colocaram a prancha de isopor no papel

sulfite, para impressão. Alguns alunos falaram da dificuldade em passar a tinta, mas conseguiram concluir a atividade.

O trabalho com a técnica de isogravura foi realizado individualmente, mas alguns não quiseram fazer a atividade em sala de aula. Vale lembrar que, para realização da técnica, mostrei-a várias vezes, para que repetissem e realizassem suas isogravuras. No desenvolvimento da proposta, percebi que os alunos estavam aprendendo e gostando da atividade.

Finalizadas as isogravuras, coloquei-as na sala dos professores para secar. Após a exposição em sala de aula, expus as obras nas paredes do corredor da entrada para as salas de aula.

Figura 3 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (1)



Fonte: Andreia Carina Santos Gusmão, 2017.

Figura 4 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (2)

Fonte: Andreia Carina Santos Gusmão, 2017.

Figura 5 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (3)

Fonte: Andreia Carina Santos Gusmão, 2017.

Figura 6 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (4)

Figura: Andreia Carina Santos Gusmão, 2017.

Figura 7 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (5)

Fonte: Andreia Carina Santos Gusmão, 2017.

Figura 8 – Desenho da matriz utilizando a prancha de isopor (6)

Fonte: Andreia Carina Santos Gusmão, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, que teve como objetivo verificar como a isogravura pode ser utilizada como recurso pedagógico na disciplina de Artes Visuais, reafirmo que as experiências compartilhadas em sala de aula contribuíram para que eu seja mais criativa, observadora e crítica. Além disso, a realização da prática me possibilitou um trabalho prazeroso ao poder criar uma imagem e incentivar os alunos participantes da pesquisa a fazerem suas isogravuras.

Vivenciar as atividades no cotidiano da sala de aula foi uma experiência significativa para minha formação. Foi um aprendizado gratificante que me permitiu aliar teoria e prática, aprimorar meus conhecimentos em arte e contribuir com a formação dos alunos, na tentativa de que busquem a transformação na sociedade, levando o que aprenderam com a experiência das aulas.

Foi emocionante compartilhar com os alunos o conhecimento dessa técnica, bem como foi um desafio responder às dúvidas, angústias e expectativas presentes naquele momento do processo da criação. Pude, também, aprender junto com os alunos sobre o processo de ensino de aprendizagem em arte.

Nesta perspectiva, entendo que o objetivo do trabalho foi alcançado. A experiência prático-teórica com a técnica da isogravura possibilitou-me ensinar arte criando e apreciando arte, assim como promoveu o contato com uma linguagem visual e artística aos alunos do 1 º ano do Ensino Médio da Escola Estadual E. E. Prof.ª Maria Helena Scannavino, de Barretos (SP), levando-os a refletir sobre sua própria aprendizagem.

Desde o início da atividade com a técnica da isogravura, busquei mostrar para os alunos a importância da disciplina de Artes Visuais e a possibilidade criadora, significativa e transformadora da arte. Por meio de recursos materiais acessíveis, o ensino da linguagem da gravura contribuiu para a formação educacional e criativa dos alunos no ambiente escolar.

As aulas de artes visuais foram importantes aos alunos por que auxiliou a produzirem e apreciarem as linguagens artísticas, em suas habilidades e competências eles desenvolveram suas produções artísticas, compreendendo e analisando suas manifestações artísticas em sua diversidade histórico-cultural.

Os estudantes tiveram contato com uma linguagem tradicional, a gravura, por meio de conteúdo teórico e pela realização trabalhos, utilizando a isogravura. Com exercícios gradativos, desenvolveram a imaginação, criaram desenhos, e puderam experimentar todas as etapas de um processo de gravação, similar à técnica de xilogravura, adquirindo assim conhecimento.

Portanto, a técnica da isogravura constituiu-se em um recurso pedagógico na disciplina aulas de Artes Visuais, uma vez que ofereceu aos alunos a oportunidade de desenvolverem a imaginação, de criar e de ter uma experiência de produção artística e cultural. Foi perceptível o entusiasmo e a facilidade com que realizaram essa técnica. Diferente da xilogravura, que exige a madeira como matriz e materiais cortantes, a isogravura, por ter o isopor como matriz, foi mais fácil de ser criada, o que a tornou acessível, permitindo aos alunos refletir sobre aspectos da história da arte e das técnicas tradicionais.

.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1955.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: **arte/Ministério da educação.** Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. Secretaria de educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**/ Ministério da educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC, SEMTEC, 2002.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Portal da Legislação**, Brasília/DF, 1996. Disponível em: http://www.camara.gov.br/sileg/integras/152182.pdf.

BUENO, Luciana Estevam Barone. **Linguagem das Artes Visuais.** Curitiba: Ibpex, 2008.

BUORO, Anamélia Bueno. **O olhar em construção:** uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2000.

CANTON, Kátia. **Gravura aventura.** São Paulo: Universo Livros, 2011.

COSTELLA, Antônio F. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão/SP: Mantiqueira, 2006.

COSTELLA, Antônio. **Introdução à xilogravura e história da xilogravura.** Campos do Jordão/SP: Mantiqueira, 2003.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2009.

FIGUEIRA, Marcele S. de A. **Isogravura enquanto meio Pedagógico para o Ensino das Artes Visuais no Ensino Fundamental**. 2016. 81 f. Monografia (Graduação em Artes Visuais) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista/RR, 2016.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da Arte.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a libertação e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALERIA de Gravuras. **J. Borges.** Disponível em: http://www.gravura.art.br/artistas/j-borges-cordel.html

GOELDI, Oswald – **Dois Homens** – Xilogravura - 14,3 x 13,2cm – Coleção Academia Brasileira de Letras – Biblioteca Lucio de Mendonça. Disponível em: www.oswaldogoeldi.org.br/ 2009.

GOMBRICH, Ernest. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

PERLINGEIRO, Max. **Lasar Segall 1891-1957.** Obras sobre papel. Pinturas, desenhos e gravuras. São Paulo: Pinakotheke, 2012.

PROJETO Goeldi. **Obras.** Disponível em: http://oswaldogoeldi.org.br/obras.html

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR ,2017.Disponível em : http://basenacionalcomum.mec.gov.br

APÊNDICES/ANEXOS

APÊNDICE A - CRONOGRAMA DO CURSO

CRONOGRAMA DO CURSO Aulas	**Programa**	**Carga Horária**
1ªAula	Introdução ao conceito e história da xilogravura no Brasil e no mundo. Roda de conversa entre os participantes e apresentações.	50 minutos
2ª Aula	Atividade 01 Apresentação da aplicabilidade da xilogravura no contexto histórico e social. Atividade 01 Analise das obras: Obra do artista J.Borges Obra do artista Oswaldo Goeldi	50 minutos
3ª Aula	Apresentação da Isogravura	50 minutos
4ª Aula	Desenvolvimento do projeto com desenhos e transferência da imagem para matriz (isopor). Impressão das matrizes	50 minutos

APÊNDICE B - PLANO DE APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA

Plano de Aula
Os aspectos históricos da Xilogravura
1 e 2 aula

Fundamentos teóricos:
Reprodutibilidade técnica, xilogravura, leitura de imagem.

Objetivos:
Geral
Abordar a utilização geral da prática da xilogravura em contextos sociais, históricos e culturais.
Específicos
Apresentar conceito para o conhecimento de aspectos sociais e históricos da xilogravura.

Conteúdo:
A Reprodutibilidade Técnica de Benjamim
História da Xilogravura, Antecedentes Históricos.

Tempo:
50 minutos

Metodologia:
Diálogos, interações e comentários na produção artística da técnica da xilogravura.
Roda de conversa entre os participantes e apresentações.
Analise das obras: Obra do artista J.Borges
Obra do artista Oswaldo Goeldi-projeto Goeldi
Xilogravura: como fazer?

Recursos:
Internet-computador
.

Avaliação:
A avaliação desta aula será realizada no coletivo, tendo em vista as experiências dos alunos e as pesquisas realizadas sobre xilogravura.

Referências
http://oswaldogoeldi.org.br
https://www.youtube.com/watch?v=4p96AWO5Kgw

APÊNDICE C - PLANO DE APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA

Plano de Aula

3 e 4 aula

Fundamentos teóricos:

Objetivos:
Geral
Apresentar a Isogravura

Específicos
Apresentar conceito para o conhecimento de aspectos sociais e históricos da isogravura .

Conteúdo:
História da isogravura ,processo de aprendizagem ,oficina.

Tempo:
50 minutos

Metodologia:
Desenvolvimento do projeto com desenhos e transferência da imagem para matriz
Impressão das matrizes
Atividade o aluno teve a oportunidade de escolher o desenho e realizar uma produção individual de isogravura .

Recursos:
Utilização de materiais de desenho como lápis, borracha e papel sulfite A 4 ,isopor,tinta guache ou tinta gráfica,rolo de espuma.

Avaliação:
A avaliação desta aula será realizada individualmente mais precisamente na aula 4, tendo em vista as experiências dos alunos e as pesquisas realizadas sobre isogravura.

Referências
https://www.youtube.com/watch?v=q2eY8_TLvNU
https://www.youtube.com/watch?v=VMXlZJZZtyY
http://obviousmag.org/archives/2014/02/tecnica_de_como_fazer_xilogravura_com_isopor.html

ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO

UnB

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes Visuais – IdA
Curso de Licenciatura de Artes Visuais – UAB/UnB

UAB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Senhor(a) Diretor(a) da Escola MARIA HELENA Scannovino

Sou aluno(a) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, realizado por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB-UnB) e estou realizando atividades que contemplam Sala de aula (descrever que atividade será realizada, se é atividade em sala de aula, se é entrevista com professores, somente observação etc) como complementação ao desenvolvimento da pesquisa realizada mediante o Trabalho de Conclusão de Curso. Este estudo poderá fornecer maiores subsídios para o pleno desenvolvimento reflexivo sobre o contexto da pesquisa elaborada e, ainda, favorecer o processo de formação continuada, tanto dos professores quanto dos alunos envolvidos neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa, ... (descrever os passos de sua pesquisa). A importância do grafite

Para isso, solicito sua autorização para o desenvolvimento de meu estudo, assim como autorização para o uso de imagens realizadas durante o processo de pesquisa nessa instituição escolar. (em caso da necessidade de imagens dos alunos, informar que solicitará a autorização dos pais).

Esclareço que esta participação é voluntária. O aluno poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (017)981916921, ou no endereço eletrônico ..... Se tiver interesse em conhecer os resultados da pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Andreia Guzman
Nome do(a) aluno(a)

Aluno(a) do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - UAB-UnB

Autorização

Barretos 07 de março de 2018.

João Roberto Machado
Diretor
RG. 17.878.045

Nome do diretor (a)
Direção Escolar
Escola..... – Cidade – Estado

Barretos - SP